



**A EXPERIÊNCIA DA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA NO
PENSAMENTO FEMINISTA LATINO-AMERICANO DE MARIA
FIRMINA DOS REIS E NÍSIA FLORESTA:
ELEMENTOS DE ANCORAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

The experience of autobiographical writing in the latin american feminist thought of
Maria Firmina dos Reis and Nísia Floresta:
Anchorage elements for teaching history

Beatriz Berr Elias¹

Resumo: Esse resumo nasce de reverberações da atual pesquisa de mestrado onde desenvolvo uma análise da escrita autobiográfica articulada a experiência de mulheres latino-americanas. É um percurso autobiográfico baseado na análise hermenêutica feminista de recortes das obras de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis. A questão de pesquisa é: como a escrita autobiográfica de Nísia Floresta, no “itinerário de uma viagem à Alemanha” (1857) e de Maria Firmina dos Reis, no texto “Álbum” (1853 – 1901) pode ancorar a articulação consciente dessa modalidade do conhecimento para um ensino de História emancipatório? O objetivo é investigar alternativas didáticas à histórica invisibilidade historiográfica de mulheres nas aulas de História. Sigo no movimento de pensar elementos únicos, potentes e transformadores nas autorias femininas e possibilitar uma democratização das obras que chegam nas salas de aula. Essas análises baseadas no conceito de ancoragem são amparo e desafio conceitual para essa investigação.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis. Nísia Floresta. Autobiografias. Feminismo.

Abstract: This abstract is born from the reverberations of the current master's research that develops an analysis of autobiographical writing articulated with the experience of Latin American women. It is an autobiographical journey based on feminist hermeneutic analysis of excerpts from the works of Nísia Floresta and Maria Firmina dos Reis. The research question is: how the autobiographical writing of Nísia Floresta, in the “itinerary of a trip to Germany” (1857) and of Maria Firmina dos Reis, in the text “Album” (1853 – 1901) can anchor the conscious articulation of this modality of knowledge for an emancipatory History teaching? The objective is to investigate didactic alternatives to the historical historiographic invisibility of women in History classes. I continue in the movement of thinking about unique, powerful and transformative elements in female authors and enabling a democratization of the works that

¹ Professora de História e mestranda em Educação pela PUCRS, vinculada ao PPGEDU com vínculo de bolsista CNPq. E-mail: beatrizberr@gmail.com.



reach classrooms. These analyzes based on the concept of anchoring are support and conceptual challenge for this investigation.

Keywords: Maria Firmina dos Reis. Nísia Floresta. Autobiographies. Feminism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse texto nasce de reverberações da atual pesquisa de mestrado² que desenvolvo uma análise da escrita autobiográfica articulada a experiência de mulheres latino-americanas. É um percurso autobiográfico baseado na análise hermenêutica feminista de recortes das obras de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis. A questão de pesquisa que suleia essa investigação é: como a escrita autobiográfica de Nísia Floresta, no “itinerário de uma viagem à Alemanha” (1857) e de Maria Firmina dos Reis, no texto “Álbum” (1853 – 1901) pode ancorar a articulação consciente dessa modalidade do conhecimento para um ensino de História emancipatório? O objetivo é investigar alternativas didáticas à histórica invisibilidade historiográfica de mulheres nas aulas de História. Sigo no movimento de pensar elementos únicos, potentes e transformadores nas autorias femininas e possibilitar uma democratização das obras que chegam nas salas de aula. Essas análises são baseadas no conceito de ancoragem que é amparo e é desafio conceitual para essa investigação.

Nesse movimento de investigar as produções de mulheres latino-americanas encontrei na escrita autobiográfica de Maria Firmina dos Reis, no texto Álbum (1853-1901) e na autobiografia de Nísia Floresta no Itinerário de uma viagem à Alemanha (1857), obras cuja potência me levaram a investigar a possibilidade do encontro dessas autoras e seus textos com o ensino de história. Por isso parte desse processo versa sobre o entrelaçar das escritas femininas e suas possibilidades de emancipação por meio do ensino de história. São páginas escritas a partir de uma experiência que

² Esse texto compõe um ensaio de recortes da investigação que venho desenvolvendo na minha dissertação de mestrado intitulada “Entrecruzamento de trajetórias: autobiografias de Maria Firmina dos Reis e Nísia Floresta como ancoragem para o ensino de história” com orientação da Professora Dra. Edla Eggert.



conecta minha escrita com a de autoras e, sobretudo, ancorada na escrita autobiográfica de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis. Assim como o Álbum de Maria Firmina dos Reis que é apontado pela autora como uma escrita “d’alma, escrita ora com sangue, outra hora com lágrimas. Amor ou desesperança – saudade, ou dor”³, esse texto comporta o sentir como via de produção epistemológica.

O desafio de pensar narrativas que sejam fundamentadas nas vivências de mulheres, nos seus saberes e na sua experiência ainda carecem de mais pesquisas e análises. Por isso essa pesquisa também versa sobre alguns exercícios hermenêuticos de suspeita: como perceber autoria das mulheres se elas foram proibidas de escrever por séculos? Como nomear as autoras se uma enormidade delas assinavam com o sobrenome de seus maridos e pais?

Tais inquirições me levaram a refletir sobre a construção socio-histórica do apagamento epistêmico da história das mulheres. A estrutura de apagamento foi melindrosamente construída e, portanto, apresenta uma complexidade nas suas expressões. Por isso, a proposição que faço nessa escrita é: pensar a produção autoral de mulheres através do mundo delas, das suas expressões, das brechas epistemológicas que elas encontraram para produzir apesar da estrutura patriarcal.

Ochy Curiel aponta para a potência da produção epistemológica a partir de uma crítica pós-colonial. O feminismo negro, comunitário, decolonial tem apontado para a ampliação da perspectiva teórica e política, conforme aponta Curiel:

Desde que aparece el feminismo, las mujeres afrodescendientes e indígenas, entre muchas otras, han aportado significativamente la ampliación de esta perspectiva teórica y política. No obstante, han sido las más subalternizadas no sólo en las sociedades y en las ciencias sociales, sino también en el mismo feminismo, debido al carácter universalista y al sesgo racista que le ha traspasado. Son ellas (nosotras) las que no han respondido al paradigma de la modernidad universal: hombre–blanco–heterosexual; pero son también las que desde su subalternidad, desde su experiencia situada, han impulsado un nuevo discurso y una práctica política crítica y transformadora.⁴

³ REIS, Maria Firmina dos. Álbum. In: MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida.** São Luís: governo do Estado do Maranhão, 1975. [n.p.].

⁴ CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista.



Uma prática política e educacional crítica e transformadora está ligada nesse tema ao pensar elementos de ancoragem presentes nas escritas de mulheres que nos apresentam pistas sobre a transgressão dessa ordem colonializada, patriarcal, racista e excludente.

Apesar do bom fluxo e da amplitude de pesquisas, ainda precisamos alcançar, enquanto campo de pesquisas feministas, importantes frentes de estudos. Pesquisadoras têm apresentado investigações com diários e a escrita autobiográfica que tornam-se aliadas na produção de conhecimento do mundo privado tornando-o político. Michael Pollak⁵ sinaliza que é justamente nessa vinculação com o privado que torna-se viável encontrar memórias proibidas e clandestinas. A criação de uma consciência feminista passa pela produção autorreferencial teórica das mulheres. Nós não podemos entender o mundo delas (o nosso) a partir de ferramentas epistemológicas produzidas para um mundo de homens. Nesse argumento, Audre Lorde convoca e ensina a refletir sobre os usos de tais ferramentas epistemológicas:

O que significa quando as ferramentas de um patriarcado racista são usadas para examinar os frutos do mesmo patriarcado? Significa que apenas os perímetros mais estreitos de mudança são possíveis e admissíveis. [...] as ferramentas do mestre não irão dismantelar a casa do mestre. Elas podem nos permitir temporariamente a ganhar dele em seu jogo, mas elas nunca vão nos possibilitar a causar mudança genuína. E este fato é somente ameaçador àquelas mulheres que ainda definem a casa do mestre como a única fonte de apoio delas.⁶

Nesse sentido é que a provocação dos estudos feministas realinha a ótica de mirar para o que está para além do visível. Olhar para o privado como político, sinalizar o manual e o artesanal como as expressões da presença feminina na história. Gerda Lerner sinaliza que:

Nômadias, [S.l.], n. 26, p. 92-101, 2007. p. 94.

⁵ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

⁶ LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 138.



Homens e mulheres vivem em um palco no qual desempenham seus papéis designados, ambos de igual importância. A peça não pode prosseguir sem os dois tipos de atores. Nenhum deles 'contribui' mais ou menos para o conjunto; nenhum é secundário nem dispensável. Mas o cenário é concebido, pintado e definido por homens. Homens escreveram a peça, dirigiram o espetáculo, interpretaram os significados da ação. Eles se auto-escalaram para os papéis mais interessantes e heroicos, deixando para as mulheres os papéis de coadjuvante. Conforme as mulheres tomam consciência da diferença na forma como se encaixam na peça, pedem mais igualdade na distribuição de papéis.⁷

Lerner convoca a uma ação reflexiva sobre a necessidade de pensarmos em novas peças, dirigidas e articuladas por mulheres. Assim, os papéis das mulheres tornam-se relevantes e significativos. Isso porque é inviável que se resgate protagonismos de mulheres históricas se nossa ferramenta de busca está relacionada ao mundo dos homens.

Desses tensionamentos nasceu a inquietação de pesquisa e os objetivos propostos que se vinculam a uma iniciativa de lembrar historicamente as autorias femininas e ilustram o esforço por uma produção que parta do universo epistemológico de mulheres e, por isso, a imersão no trabalho com autobiografias.

Assim, essas linhas que se circunscrevem aqui são palavras que buscam encontrar no curso histórico um arcabouço teórico para difundir protagonismos de mulheres na História. Faço dessa pesquisa uma espécie de cartografia histórica onde busco evidenciar identidades femininas exemplares, a fim de produzir na sala de aula um sentimento de representatividade e encontro.

A ANCORAGEM AUTORREFERENCIADA DOS TEXTOS DELAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Nesse momento, faço um investimento de aproximar a escrita de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis nos seus respectivos diários. Num segundo momento caberá o movimento de diferenciá-las em suas experiências, lutas e recortes

⁷ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2020. p. 35.



étnico-raciais, de classes e outros privilégios. E por fim, pensar pragmaticamente em empirias, intervenções da palavra na sala de aula, visualizar como os escritos dessas autoras podem ser aplicados didaticamente.

O primeiro movimento dessa seção é o de aproximação. Insere-se num processo de reconhecê-las como potências de ancoragem para o ensino de história, bem como de entender que as experiências de mulheres podem nos aproximar de uma realidade histórica mais palpável e humana. Existem várias diferenças que dividem a experiência de Nísia e Maria, e essa categoria – da diferença – é considerada por mim nessa investigação e será aprofundada a seguir. Contudo, partilho das palavras de Audre Lorde ao escrever sobre as mulheres que clamam por serem ouvidas:

Que não nos escondamos por detrás das farsas de separação que nos foram impostas e que frequentemente aceitamos como se fossem invenção nossa. Por exemplo: 'provavelmente eu não posso ensinar literatura feita por mulheres negras – a experiência delas é diferente demais da minha'. E, no entanto, quando anos você passou ensinando Platão, Shakespeare, Proust? [...] o fato de estarmos aqui é uma tentativa de quebrar o silêncio e atenuar algumas diferenças entre nós, pois não são elas que nos imobilizam, mas sim o silêncio. E há muitos silêncios a serem quebrados.⁸

Seguindo os ensinamentos de Audre Lorde, busco nesse primeiro movimento uma aproximação dessas experiências. Penso, dessa forma, em articular ambas escritas a ponto de perceber elementos que ligam uma experiência na outra e visualizar, dessa forma, quais eram os pensamentos, concepções teóricas e empíricas, medos e fugas dessas mulheres diante de seu tempo.

Retornando aos contextos históricos considero importante demarcar o pacto universalista inaugurado no século XVII que adiantou-se em separar cirurgicamente o que é científico, racional, público do irracional, intuitivo e privado. Ilana Löwy demonstra o quanto esse princípio de universalidade foi criticado pelos movimentos feministas, anticoloniais, etc., e apresenta o conceito de universal concreto:

⁸ LORDE, 2019. p. 55.



Paralelamente, no contexto de um debate que opunha a universalidade do gênero humano à particularidade da condição feminina, os estudos de gênero propuseram substituir a ideia de um 'universal' abstrato que não tolera a diversidade, por uma ideia de um 'universal concreto' (conceito tomado de Françoise Collin) baseado na comunicação de indivíduos 'situados'. Longe de provocar a abolição de todas as singularidades, o desenvolvimento desse 'universal concreto' enfatiza a valorização delas. De maneira mais abrangente, ascorrentes de pensamento inspiradas por grupos dominados e marginalizados – movimento de mulheres, movimento anticolonial, movimento negro – contestaram a existência de um ponto de vista único sobre a história e sobre a sociedade, e a validade dos relatos transmitidos por uma voz única. Tais correntespropuseram substituí-lo por narrativas que reflitam diferentes pontos de vista, que incluam vozes múltiplas e que se construam pela cooperação, contradição e oposição desses pontos de vista e de vozes. Essas correntes juntam-se às ideias desenvolvidas por historiadores e sociólogos das ciências que refutam a imagem da ciência como atividade homogênea realizada por observadores neutros e intercambiáveis que observam a natureza de um ponto de vista de 'nenhum lugar' e preferem ver nela o crescimento de práticas disciplinares que se fundam sobre pontos de vista múltiplos.⁹

Nessa premissa, o privado expressa subjetividades que devem ser manifestadas como opiniões e sempre desvinculadas da possibilidade de produzir visões de mundos ou vislumbrar uma posição científica. Silvia Federici¹⁰ aponta para a necessidade de uma redefinição das categorias históricas de forma que se exponham as estruturas ocultas da dominação patriarcal.

Federici¹¹, em diálogo com Joan Kelly¹², provoca uma inquietação: “as mulheres tiveram um renascimento?” Propondo a reflexão de que o discurso progressista da chamada revolução científica¹³ que “consolidou o racionalismo

⁹ LÖWY, Ilana. Universalidade da ciência e conhecimentos “situados”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, p. 15-38, 2000. p. 31.

¹⁰ FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. [S.l.]: Elefante, 2019.

¹¹ FEDERICI, 2019.

¹² Joan Kelly propõe essa discussão no seu texto publicado em 1984, “Did Women Have a Renaissance?” KELLY, 1984 *apud* FEDERICI, 2019.

¹³ Ilana Löwy aponta para a necessidade de lembrarmos que: “a ciência é um empreendimento de caráter cumulativo e que seu passado – do qual as mulheres foram excluídas – continua pesando sobre – seu presente. Além disso, e apesar da feminização recente do mundo científico, os ‘grandes cientistas’, aqueles que são percebidos como porta-vozes autorizados da ciência (prêmios Nobel, membros da Academia de Ciências, diretores de instituições prestigiosas ou de laboratórios de elite) são ainda geralmente do sexo masculino.” LÖWY, 2000, p. 24.



científico promoveu um deslocamento cultural de um paradigma orgânico para um mecânico que legitimou a exploração das mulheres e da natureza.”¹⁴ Nesse movimento de aglutinação os saberes que se transformam em racionalizados – uma racionalidade excludente de forma que outras esferas do conhecimento passam a ser excluídas dos espaços de saber e dos registros. Ilana Löwy¹⁵ chama atenção para a necessidade de problematizar o conceito de universalidade. Ou seja, o tensionamento da autora diz respeito a perceber o que está explícito e implícito no discurso universalista. Da mesma forma, precisamos analisar quais são as nuances escondidas pelos discursos de objetividade e racionalidade. Conforme a autora demonstra, o conceito de universal frequentemente serviu de ferramenta de opressão. Contudo, a proposição não é encerrarmos o debate sobre universalidade, mas ampliarmos a sua efetividade. Löwy propõe refletirmos sobre a possibilidade de “desenvolver um conceito de universal que inclua o ponto de vista dos dominados”¹⁶. Portanto, como pensar em uma produção de conhecimentos sem que eles estejam nos moldes racionalizados? É possível existir espaço para produções e autorias que falem do mundo doméstico, íntimo, subjetivo?

Esse processo de entrar em contato com os textos íntimos de Nísia e Maria em busca de ancoragem me colocou em confronto com as palavras. Utilizo a palavra confronto porque ela denota enfrentamento – ver de frente, encarar o sentir e os sentidos. Dessa forma, me envolvo no movimento de inventar de novo essas palavras, ressignificá-las no presente e significá-las na sala de aula. Tanto em Nísia como em Maria tive um encontro com as palavras-sentidos. As autoras demonstram em sua escrita uma via para elementos que a realidade não estanca. Estilhaçada por tantas palavras e tantos sentidos me convoquei a pensar: qual espaço dessas palavras nas aulas de história? O que de ancoragem eu encontro nelas? E nesse des-caminho, des-contínuo de ir e vir aos textos, tenho pensado em qual passado as mulheres se

¹⁴ FEDERICI, 2019, p. 34.

¹⁵ LÖWY, 2000.

¹⁶ LÖWY, 2000, p. 27.



ancoram, se enxergam, se reconhecem. Seria nas histórias de campos de guerras – cuja uma exceção delas participaram, ou nas histórias de bombas atômicas ou na história das invasões coloniais e das rotas marítimas, ou em tantas outras que compõem as histórias contadas e recontadas nas aulas de história? Penso nelas enquanto reflito, penso em mim, e lembro de não me enxergar. Quando penso nesses mesmos cenários – de guerras, invasões, bombas, etc., me pergunto: onde elas estavam? Como conto essa história? A presença delas está na história, mas não no prisma que tradicionalmente olhamos, por isso a necessidade de pensar numa história no feminino. Ilana Löwy demarca que “a percepção da ciência como produto de uma atividade essencialmente masculina permanece no âmago das preocupações feministas. Essa percepção relaciona-se à necessidade de desenvolver uma ‘ciência no feminino’, diferente da ciência de hoje.”¹⁷ Esse movimento possibilitaria corrigir desvios da pesquisa científica atual que incorpora apenas os valores “masculinos”: hierarquia, valorização da força, uso de metáforas bélicas.

Pensando na presença das mulheres nos registros eu as encontro nas escritas íntimas, na marca da angústia de quem viu sua família ir para uma guerra ou na solidão e exaustão de ter que sustentar um lar fragmentado ou em tantos outros registros de experiências que foram sentidas e não só pensadas e agidas. Nesse fluxo de pensamentos enxergo a escrita de Nísia e Maria – seus relatos de solidão, melancolia, saudade, silêncio, morte, dor. Esses espaços onde a escrita íntima aparece, surge também a presença e memória delas. Pensar numa sala de aula de história que não ensine somente sobre a guerra, as estratégias militares, as construções, etc., mas que também demonstre que havia outras esferas desse contexto e essas esferas podem ser ancoradas nas escritas íntimas.

Esse processo de repensar o que se ensina sobre o passado e a partir de quais prismas olhamos para ele encontra-se com outro movimento – o de perceber as novas concepções de pedagogias e sobretudo as que estão vinculadas a concepção

¹⁷ LÖWY, 2000, p. 25.



de colaboração. Nesse campo, o saber e o sentir não são dissociáveis e, por isso, as aprendizagens e emoções andam juntas. Apesar da construção racionalista da escola e a expulsão das subjetividades do espaço escolar, as novas tendências educacionais apoiadas por estudos na neurociência passam a reivindicar a importância de espaços para as emoções nas salas de aula. Conceitos como o de construção de ecossistemas de aprendizagem convidam a pensar em aprendizagens baseadas na vivência comum dos sujeitos uns com os outros e com o meio ambiente, bem como com suas próprias emoções. De acordo Pedro Silveira *et al.*, a definição de ecossistema de aprendizagem é:

ecossistema de aprendizagem na cultura digital (ou simplesmente ecossistemas de aprendizagem) como a uniao agente/ambiente na qual acontece cognição e resultantes aprendizagens, a partir da interação de agentes (humanos e sintéticos) entre si e/ou com o ambiente.¹⁸

Esse movimento proposto pelas novas tendências educacionais, em diálogo com a neurociência¹⁹, confirma aspectos que já vem sendo teorizados, reivindicados e realizados pela pedagogia feminista a séculos. Foram anunciados muito antes. Exemplo desse anúncio encontro nos escritos de professoras como Maria Firmina dos Reis em sua escrita no Álbum, onde ela demarca que “pensa e sente!”²⁰. Parafraseando a máxima do racionalismo iluminista de René Descartes – Penso logo

¹⁸ SILVEIRA, Pedro Netto; CURY, Davidson; DE MENEZES, Crediné. Superando fronteiras da educação com ecossistemas de aprendizagem. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO-SBIE, 30., 2019, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Sociedade Brasileira de Computação – SBC, 2019. P. 209-218. p. 210.

¹⁹ Leonor Guerra aponta que: “as neurociências são ciências naturais, que descobrem os princípios da estrutura e do funcionamento neurais, proporcionando compreensão dos fenômenos observados. A educação tem outra natureza e sua finalidade é criar condições (estratégias pedagógicas, ambiente favorável, infraestrutura material e recursos humanos) que atendam a um objetivo específico, por exemplo, o desenvolvimento de competências pelo aprendiz, num contexto particular. A educação não é investigada e explicada da mesma forma que a neurotransmissão. Ela não é regulada apenas por leis físicas, mas também por aspectos humanos que incluem sala de aula, dinâmica do processo ensino aprendizagem, escola, família, comunidade, políticas públicas.” GUERRA, Leonor Bezerra. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. **Revista Interlocução**, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 03-12, 2011. p. 03.

²⁰ REIS, 1853-1951, p. 161.



existo, Maria escreveria que pensa e sente, logo existe. Se no século XIX, Maria Firmina já demonstrava que o pensar e o sentir não podem ser dissociados, as “novas tendências” não tem nada de novas! Mas não referenciam as mulheres professoras que já registravam essas concepções.

O DIÁLOGO DAS AUTORIAS LATINO-AMERICANAS COM A SALA DE AULA

Pensar, portanto, nos elementos de ancoragem presentes nas escritas íntimas de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis está em diálogo com um debate atual do campo educacional renovado: como trazer os sentidos e subjetividades para a sala de aula? A minha suspeita nesse momento, a partir dos diálogos com as autorias que aqui me ancoram é de que o movimento de transformar a sala de aula, de torná-la humanizada, intelectualizada e sentida deve ser ancorado em autorias que demonstraram esses sentidos em suas práticas, que escreverem sobre o sentir, sobre as emoções, sobre a vida e a morte, etc. A utilização de autobiografias como instrumento didático para ancoragem é uma forma de conectar essas subjetividades com a sala de aula. Através da leitura dessas escritas as(os) educandas(dos) conseguem perceber que é preciso assumir os sentimentos, as emoções, as dores e que isso também é um constructo histórico que fez e faz parte do cotidiano da vida ordinária.

Ancorar nesses escritos é exemplificar que existem âncoras que nos demonstram que suas atuações em seus tempos e contextos foram permeadas de sentidos. Por isso, penso em ampliar o conceito de ecossistemas educativos e propor uma faceta disso baseada nas ancoragens e nas subjetividades que seria a construção de *ecossentidos* educativos. Pensando na etimologia da palavra, *eco* deriva do grego antigo *oĩkos* *oikos* e significa casa, lar. Sentido tem sua origem no latim *sentire*, de experimentar algo por meio dos sentidos e por meio da razão²¹.

²¹ Significados disponíveis em: ORIGEM DA PALAVRA. c2023. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/>. Acesso em: set. 2023.



Portanto, os ecosentidos são processos que convocam uma sala de aula que una a casa – o espaço privado, íntimo, com o sentir, experimentar, vivenciar.

A proposta de pensar a sala de aula de um ponto de vista do sentir pode ser aplicada através da construção desses ecosentidos – que penso como espaços onde o corpo, a alma, os sentidos, o pensamento possam fluir no espaço escolar e, como via-instrumento para essas conexões podemos utilizar leituras de autoras que ousaram escrever sobre o sentir.

Nesse segundo momento, considero importante diferenciar Nísia Floresta e Maria Firmina, suas experiências e autorias. Considero a categoria da diferença fundamental nos debates feministas e, por isso, utilizo essa argumentação na análise dessas autoras. Losandro Tedeschi fundamenta o significado da diferença nas pesquisas feministas:

O pensamento feminista da diferença, outra categoria importante na história das mulheres, situa-se no campo da pós-modernidade porque sugere a multiplicidade, a heterogeneidade e a pluralidade, e não mais a oposição e a exclusão binária, recorrendo portanto a autores como Nietzsche, Foucault, Deleuze e Derrida. As historiadoras, que passaram da categoria da igualdade para a diferença, sentiram a necessidade de falar de diferenças não somente entre homens e mulheres, mas também de diferenças entre as próprias mulheres, assim como usar a análise das mulheres como metáfora – metáfora dos sujeitos excluídos pelo discurso da universalidade.²²

Dessa forma, apesar da escrita e os contextos que as aproximam existe um universo de diferenças sociais, raciais, etc. que diferenciam a experiência, os escritos e as personalidades de Nísia Floresta e Maria Firmina.

Ao mesmo tempo que se assemelham por suas lutas, Nísia e Maria se diferenciam em suas pautas. Enquanto Nísia gozava do privilégio de ser uma mulher branca, cujas violências do racismo e escravismo não a atingiam, Maria, enquanto uma mulher negra, precisou enfrentar uma ordem ainda mais rígida. O entrecruzamento dessas duas autoras demonstra como a experiência de ser mulher

²² TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Revista Raído**, Dourados-MS, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016. p. 162.



não exprime uma opressão em comum a todas, visto que outros atravessamentos de opressão como a raça, classe, sexualidades, etc. complexificam essas violências. Flavia Biroli reforça esse argumento exemplificando que não existe uma “exploração comum a todas”²³, de forma que as opressões não são vividas da mesma maneira por todas as mulheres, já essas opressões se intensificam quando se cruzam com outras. Assim, a análise hermenêutica dos escritos de ambas as autoras passará por uma análise social, cultural, etno-racial. Esse movimento é necessário visto que essas diferenças são importantes na construção de uma consciência feminista interseccionada.

Como proposição de empirias – aplicabilidades pedagógicas dos elementos de ancoragem nas obras de Nisia e Maria, penso que a potencialidade está em construir um material que sistematize as obras das autoras e leve para a sala de aula as sujeitas – com suas histórias, sentimentos, ações. Para construir uma transposição didática dessa pesquisa vislumbro produzir uma síntese das obras das autoras como forma de um ‘dicionário de ancoragens’ – nesse dicionário elenco palavras-sentimentos trazidos pelas autoras nos diários e suas definições. É uma forma de tornar acessível e didático esses escritos e funciona como material didático para outras atividades.

A proposta de trazer para a sala de aula elementos de ancoragem nas obras de Nisia Floresta e Maria Firmina dos Reis pode e deve se ampliar para a busca de outras autoras(es) que representem a solidez de estar ancorada em uma sujeita histórica. Por isso, essa é uma dissertação que rego com sonhos de ampliação e com possibilidades de criação de uma enciclopédia ancoragem com diversos escritos, conceitos e ferramentas epistemológicas para serem levadas para as salas de aula como forma de humanizar as aulas de história.

A partir desses elementos de ancoragem do dicionário, diversas propostas podem ser construídas e ancoradas nesse material didático. Proposições de

²³ BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 29.



pesquisas históricas baseadas nos conceitos âncoras das autoras, exposições audiovisuais com sujeitas que representem os conceitos. Por exemplo, para o conceito âncora de alegria: que sujeita simboliza esse conceito? O que a alegria simboliza enquanto instrumento de existência?

Partilho das ideias de Losandro Tedeschi de que para fazer justiça ao passado, “não basta elencar as mulheres que fizeram parte dessa história, como se um mero arquivo pudesse dar sentido à memória, resgatando ou enterrando simbolicamente nossas mulheres mortas, injustiçadas e esquecidas.”²⁴ O movimento deve ser retomado, memória e reparação no presente através de novos óculos epstêmicos para interpretar essa história aliados a um processo de transposição desses registros.

Essas proposições didáticas dialogam com as potencialidades da pedagogia feminista de tornar sujeitas visíveis e conhecidas. Bem como insere-se num movimento de pluralizar as representações históricas nas salas de aula que pretendo aprofundar nas próximas etapas dessa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elas existiram, com medo e do medo produziram vida – nas suas mais variadas formas. Desde o parto, a manutenção dos lares até as obras, teorias, escritas, todas pariram vidas. Conhecer mulheres do passado é um movimento reparador. É enxergar-se nas angústias e entender que existe uma experiência que nos une e, se elas conseguiram transformar o medo em ação, também conseguiremos. E para além disso, conscientizar-se da existência de mulheres do passado, dos caminhos percorridos por elas nos permite ganhar tempo e criar estratégias para existir e resistir diante a ordem patriarcal, isso porque não precisaremos começar do marco zero: outras já fizeram isso. O nosso movimento deve ser o de continuidade.

Continuar a partir delas, com a memória delas e por elas. Não ignorar as que

²⁴ TEDESCHI, 2016, p. 155.



vieram antes e preparar o solo para as que virão. Esse é o movimento que nomeio ancoragem. Saber que existiram outras antes de nós é honrar lutas que foram travadas e nos aponta um caminho para voltar quando for necessário recuar. As âncoras no mar servem para manter firme a embarcação. Pensando de modo figurado elas indicam retorno, proteção, firmeza. Esse é o significado de reconhecer essas e outras mulheres do passado. Saber para onde retornar e como produzir através disso.

A potência de estudar as mulheres do passado é dar sentido para o presente. Entender que a opressão patriarcal foi construída por um passado e, portanto, é passível de mudanças. Essas mudanças só podem efetivamente ocorrer se conseguirmos nos enxergar enquanto grupo que tem um repertório teórico e epistêmico para produzir outras realidades e um futuro feminista. Bell hooks²⁵ escreve sobre a sensação reparadora de encontrar âncoras que lhe trouxessem para a superfície em um momento de perda. Partilho das palavras de bell hooks e entendo que nós fazemos a história revolucionária quando o passado é contado através de representações que nos ancorem. Contar, rememorar, escavar e encontrá-las é dar continuidade a lutas intensas que foram travadas por mulheres antes de nós, e faz parte do movimento de construir uma consciência e uma memória feminista.

Aprender com mulheres do passado constitui-se como movimento de oposição ao domínio androcêntrico e patriarcal. Losandro Tedeschi aponta para a exclusão das mulheres dos espaços de saber:

A história tem sido, desde sempre, o lugar da legitimação e do domínio. O controle e a distribuição da palavra escrita, encarregada principalmente pelos homens letrados, os escritores, os cronistas e os historiógrafos, implicou num uso e abuso do poder simbólico em narrar, relatar e significar determinadas parcelas da realidade ligadas diretamente aos triunfos, aos grandes atos heroicos, com pretensões de superioridade e feitos de grande poder. Durante muito tempo, a escrita e o saber estiveram – e ainda, talvez, continuem – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentaram ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma

²⁵ HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. [S.l.]: Elefante, 2021.



sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista.²⁶

Diante das estruturas de silenciamento as mulheres continuaram produzindo. A escrita feminina constituiu-se como ferramenta de subversão da ordem patriarcal e o movimento de rememorar essas resistências é o de reparação histórica e de construção de um novo caminho para a história das mulheres.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. *Nômadas*, [S./], n. 26, p. 92-101, 2007.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. [S./]: Elefante, 2019.

FLORESTA, Nísia. **Itinerário de uma viagem à Alemanha**. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Natal: EDUFRRN, 1982.

GUERRA, Leonor Bezerra. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. *Revista Interlocução*, [S./], v. 4, n. 4, p. 03-12, 2011.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. [S./]: Elefante, 2021.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LÖWY, Ilana. Universalidade da ciência e conhecimentos “situados”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, p. 15-38, 2000.

²⁶ TEDESCHI, 2016, p. 154-155.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



REIS, Maria Firmina dos. Álbum. *In*: MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis**: fragmentos de uma vida. São Luís: governo do Estado do Maranhão, 1975. [n.p.].

ORIGEM DA PALAVRA. c2023. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/>. Acesso em: set. 2023.

POLLAK. Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

SILVEIRA, Pedro Netto; CURY, Davidson; DE MENEZES, Crediné. Superando fronteiras da educação com ecossistemas de aprendizagem. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO-SBIE, 30., 2019, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Sociedade Brasileira de Computação – SBC, 2019. P. 209-218.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Revista Raído**, Dourados-MS, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016.